

FONTE : O GLOBO

[VERÃO](#)

Rio teve domingo a segunda maior temperatura da estação

Publicada em 08/02/2010 às 00h12m

O Globo

RIO - Os dias de sol e calor no Rio ainda não têm data para terminar. Domingo, a temperatura máxima de 40,4 graus, registrada na Praça Mauá, foi a segunda maior do verão, empatando com a de 10 de janeiro - o recorde foi 40,9 em 4 de fevereiro. Já são 12 dias sem a chegada de uma frente fria ao estado. Segundo o Inmet, a previsão é de que o forte calor continue esta semana. Pode haver pancadas de chuva na quarta ou na quinta-feira.

A uma semana do início do carnaval, os cariocas aproveitaram o domingo ensolarado para lotar praias e blocos. Na orla da Zona Sul e da Barra, os banhistas ainda tiveram a chance de ver o desfile marítimo organizado pela Marinha. O inédito "Grandes veleiros Rio 2010 - Velas sudamerica" faz parte das comemorações dos 200 anos da criação das Primeiras Juntas Nacionais de Governo, relativas aos povos hispânicos da América Latina.

As nove embarcações saíram do Píer Mauá às 10h e seguiram pelas praias da Zona Sul. O desfile terminou às 15h, na Barra.

A passagem dos veleiros pela Praia do Arpoador despertou curiosidade.

- Até subi na pedra para tirar fotos. O desfile foi lindo - disse a estudante Dandara Ribeiro.

FONTE: PORTOS E NAVIOS

Noticiário cotidiano - Portos e Logística

Sex, 05 de Fevereiro de 2010 07:11

Novo "gate", no Porto do Pecém, visa desafogar o acesso de caminhões durante a safra, que se repete anualmente

Previsão é de que a medida seja implementada no próximo semestre, reduzindo atrasos e prejuízos Berlim Todo ano, a história é a mesma: quando chega a época da safra, os empresários do agronegócio que comercializam seus produtos com o mercado exterior, em especial os da fruticultura, sempre reclamam da fila de caminhões que se forma em frente ao "gate" de entrada do porto, para vistoria da carga a ser escoada. Uma solução definitiva ainda não está em curso, mas uma medida que começará a ser implantada no terminal portuário no próximo semestre deverá desafogar, em parte, essa passagem, reduzindo os atrasos e, por consequência, os prejuízos dos empresários. De acordo com Waldir Frota Sampaio, assessor executivo e coordenador da área de Operações da Cearáportos - empresa que administra o terminal -, um novo portão começará a ser utilizado para a entrada de contêineres vazios, deixando a entrada principal apenas para aqueles com carga. "Só essa mudança reduzirá em 30% a 40% a movimentação no atual portão de entrada do porto", garante Sampaio. Hoje, um novo acesso, vindo pela praia e entrando pelo pátio de armazenamento, vem sendo utilizado para toda a movimentação decorrente das obras de ampliação do terminal, com a construção do Terminal de Múltiplo Uso (Tmut).
Vazios

Segundo o coordenador da Cearáportos, a partir do segundo semestre desse ano a entrada de vazios deverá ser feita por este acesso, dividindo espaço com as máquinas e caminhões envolvidos na obra do novo pier. Como o Tmut está previsto para ser entregue até dezembro deste ano, a partir daí, o acesso será exclusivo dos caminhões com contêineres sem carga, instalando-se, assim, o "gate" de vazios. "O vazio, apesar de estar sem carga, tem que passar por conferência do contêiner.

O operador ainda analisa se existe alguma avaria, e isso toma tempo. Com o novo "gate", a movimentação no porto será facilitada", aponta.

Como a safra começa em agosto, estendendo-se até dezembro, Sampaio, que está presente à Fruit Logística, em Berlim, acredita que a medida ainda não terá forte efeito para este ano, mas somente no próximo. Uma outra mudança que vai ocorrer, esta por determinação da Receita Federal, é que toda a parte de manutenção de contêineres vazios, feita dentro do terminal, deverá ser realizada em outro local. "A Receita determinou que a manutenção não pode mais ficar em área alfandegada. mas o local onde isso será feito ainda não está definido, quem vai decidir são os empresários", explica. A alteração deve ser feita em até dois anos.

Pátio de cabotagem

Uma área ainda sem utilização, face àquela onde está sendo armazenado provisoriamente o minério de ferro de Sobral para exportação, deverá ser o novo pátio de estocagem de contêineres para cabotagem (transporte entre os portos do país) do Porto do Pecém.

A mudança é uma resposta à mesma determinação da Receita Federal, que exigiu, então, que toda a carga a ser exportada deve ficar isolada daquela que será enviada a outros estados brasileiros.

Atualmente, todos os contêineres de carga cheia são estocados no mesmo pátio.

De acordo com Sampaio, as obras do novo pátio, que incluem a terraplanagem da área e posterior cobertura com piso de concreto, estão estimadas em R\$ 2,5 milhões. Apesar de só ser criado por conta da determinação da Receita - que vistoria as cargas de importação e exportação, deixando a cabotagem às vistas da Secretaria da Fazenda -, o novo pátio deverá trazer benefícios ao porto.

"Ele vai aumentar a área de armazenamento para cabotagem e para importação e exportação. A cabotagem hoje possui espaço entre 12 e 15 mil metros quadrados, e passará, com o novo pátio, para 20 mil metros quadrados", justifica o assessor executivo da Cearáportos. A mudança deverá estar pronta em dois anos.

EXPORTAÇÃO

Diferencial do CE deve ser cada vez mais a logística

Em 16 anos, o Ceará saiu de uma exportação de frutas equivalente a US\$ 874 mil para 105,6 milhões. Ou seja, de uma posição insignificante (0,5% do total nacional na época), o Ceará hoje é o segundo maior exportador do Brasil. Esse crescimento, segundo o presidente do Instituto Frutal, Euvaldo Bringel, foi conseguido com investimentos em capacitação, tecnologia e atração de novos negócios. Entretanto, outros estados já têm conseguido alcançar isto. Para ele, portanto, o diferencial, cada vez mais, está na logística. A expansão do Porto do Pecém e os investimentos em melhores mecanismos de operação no terminal têm garantido a posição privilegiada do Ceará, mas, segundo Bringel, serão necessários ainda mais investimentos no terminal para atender às futuras demandas.

"O Ceará construiu uma Petrolina em 16 anos. E, em cinco anos, o Ceará deverá dobrar a sua produção. O Tmut vai elevar em 50% a capacidade de armazenamento de contêineres, mas será preciso mais até esse período", diz.

"O conhecimento que nós adquirimos na fruticultura todos os estados do Nordeste já têm alcançado.

Todos já têm tecnologia de produção. Agora, na logística é que "o bicho pega", destaca. "Quem tiver as melhores condições logísticas, ganha o jogo", garante. Hoje, Petrolina, em Pernambuco, um dos maiores polos de fruticultura do País, exporta pelo Pecém ou por Suape, em seu próprio estado, já que da localidade a ambos os portos, a distância média é a mesma: 800 quilômetros. "Já quem produz no Ceará, tem uma distância que varia de 150 a 200 quilômetros de Pecém, então, estamos com mais mercados. Mas, para garantir isso, é preciso a logística adequada", diz. (Fonte: Diário do Nordeste/SÉRGIO DE SOUSA)

FONTE: PORTO GENTE

Portos entram na campanha eleitoral

Quem diria, depois que o presidente Lula criou a Secretaria Especial de Portos (SEP), os portos "entram" na campanha eleitoral que se avizinha. Nos últimos dias, está intenso a divulgação de notícias, reportagens sobre os problemas dos portos nacionais. A manchete principal do jornal Folha de S.Paulo deste domingo (7) fala que o País perde em produção de grãos por causa de um suposto "apagão portuário".

A reportagem é abastecida pelos dados e posição da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), cuja presidente é a senadora Kátia Abreu (DEM-TO). A parlamentar há muito tempo implica com o sistema portuário nacional e agora tem um projeto de lei que tramita no Congresso Nacional. Pelo projeto, as instalações portuárias de uso privativo misto poderão destinar-se à movimentação de carga própria e de terceiros, qualquer que seja a proporção de ambas as cargas.

É salutar o debate sobre os portos, mas que ele seja democrático, não lobista e que busque realmente o melhor para que o Brasil se posicione cada vez melhor no competitivo comércio exterior.

Por isso, **PortoGente** convida a todos que gostam do cheiro do mar e de porto para que deem sua opinião no debate.

FONTE: DN GLOBO

"Queremos estar entre os 10 mais no desporto como na economia"

por ISADORA ATAÍDE

Em entrevista telefónica ao DN, Orlando da Silva Júnior anuncia que o Brasil investirá 9 mil milhões de euros na realização dos Jogos Olímpicos de 2016. Aponta que a faceta pobre e violenta do Rio está a mudar com a intervenção do Estado nas favelas

Como traduz a importância para o Brasil da realização do Mundial de Futebol (Copa do Mundo) 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016?

Os dois eventos colocam o Brasil na rota das grandes promoções internacionais. Expressam uma confiança maior da comunidade internacional. O Brasil consolidou a democracia, tem estabilidade económica, é seguro para receber investimentos internacionais, mostrou uma capacidade de recuperação importante diante das adversidades da economia mundial.

O Governo vê as Olimpíadas e o desporto como inspiradores do desenvolvimento social...

Para além da celebração da amizade e dos povos nessa grande festa que são os Jogos Olímpicos, é importante o legado que vão deixar. Será realizada uma série de intervenções, a exemplo da área do transporte e da mobilidade urbana, da habitação, da reestruturação da zona portuária do Rio de Janeiro. Outro aspecto importante é o legado ambiental, que prevê o tratamento do sistema lagunar da Barra da Tijuca. Destacamos também o desenvolvimento de programas sociodesportivos nas comunidades mais carentes.

Qual o custo e o investimento público nos Jogos Olímpicos?

O orçamento total do projecto apresentado pelo Comité Olímpico Internacional prevê as mudanças no Rio necessárias para realizar os Jogos em 2016. A cidade exige intervenções urbanas, nos serviços e instalações desportivas. As infra-estruturas dos Jogos - saúde, alimentação e transporte para os atletas - custarão 28,8 mil milhões de reais (11,2 mil milhões de euros). Desse orçamento, 5,6 mil milhões de reais são receitas do COI. Uma parte vem do próprio Comité (45%); outra, das receitas privadas (30%), como bilheteira e venda de produtos; e uma terceira (25%), do Governo. Calculamos um défice de 50 milhões de reais (19,5 milhões de euros) e neste caso o Governo Federal está preparado para suprir o défice. Em relação às infra-estruturas, teremos um investimento de 23,2 mil milhões de reais (nove mil milhões de euros). Há uma participação maioritária do Governo Federal, cerca de 80%.

Qual a expectativa quanto à movimentação da economia brasileira e à geração de emprego com a realização dos Jogos?

A expectativa é que de 2010 a 2016 sejam gerados 120 mil novos empregos. O que abrange diversos sectores, sendo o mais beneficiado o da construção civil. Metade dos postos de trabalhos, 51%, estará localizada fora do Rio. E cada dólar investido pelo poder público estimulará o sector privado a investir 3,2 dólares.

O Brasil é a 10.^a economia mundial e pode ser a 5.^a em 2016. Mas a imagem de país pobre e violento mantém-se. Como se prepara para garantir a segurança de milhares de pessoas?

A violência não é um fenómeno brasileiro. Relações raciais ou religiosas conflituosas produzem intolerância, assim como conflitos políticos e disputas regionais. No Brasil, a violência está vinculada aos centros urbanos e às desigualdades sociais. Criar condições de cidadania é a nossa forma de enfrentar o problema: com rendimento, trabalho e direitos. Pensando nos Jogos Olímpicos de 2016, o Rio vive um momento de transformação das comunidades mais carentes, nas favelas. O Estado ocupou as áreas em que grupos armados actuavam e conferiu cidadania através da oferta de educação e saúde. Já há dez comunidades do Rio de Janeiro

recuperadas, entre elas, a Cidade de Deus (retratada no filme de mesmo nome realizado pelo cineasta Fernando Meirelles) e Santa Marta.

Quais são as principais políticas públicas para o desporto?

Queremos associar educação à cultura e ao desporto, e com os Jogos Olímpicos temos uma plataforma única. É o desporto como forma de produzir saúde, integrar as pessoas e formar para a cidadania. Entre os nossos desafios estão superar o défice de infra-estruturas, há necessidade de ginásios, piscinas, pistas. O Praça da Juventude é um programa em que complexos desportivos são instalados na periferia das cidades. No Segundo Tempo, conjugamos escola e desporto. Outra coisa importante pa-ra nós, sobretudo com os Jogos Olímpicos, é o desenvolvimento do desporto de alto rendimento.

Há uma estratégia para a alta competição visando melhores resultados nos Jogos Olímpicos?

Estamos a finalizar, junto com o Comité Olímpico Nacional e as federações desportivas, o Plano 2016, que será apresentado em Março ao Presidente Lula da Silva. Queremos elevar a nossa condição nos resultados olímpicos, como na economia, queremos estar entre os dez mais do mundo no desporto. Isso vai exigir con- solidar as modalidades em que temos boa participação - como a vela, o judo, o futebol, o voleibol - e sobretudo passar para outras modalidades.

E o futebol?

Temos dado muita atenção ao futebol, sobretudo na sua modernização. Hoje há uma lei que obriga à transparência na gestão dos clubes, criámos uma lotaria para financiar as suas dívidas e legislação para garantir a segurança e conforto dos torcedores. Com a Copa do Mundo, teremos estádios com padrão elevado, no nível europeu, o que significará um atractivo para os torcedores.

O Brasil é o país do presente?

O Brasil é o país do presente. Nunca na nossa história oferecemos condições tão favoráveis ao povo. As forças políticas no poder têm base nos movimentos sociais, e milhões de brasileiros opinam com repercussão nas políticas públicas. Trinta milhões de brasileiros fo-ram tirados da pobreza. O Brasil acelerou o passo e jogamos um papel central na cena internacional, estamos orgulhosos, mas cientes de que maior protagonismo exige mais responsabilidades.

O que o Brasil mostrará aos europeus em 2016?

Um país maravilhoso que encanta quem o vê. Temos uma formação cultural múltipla, com a raiz índia, a matriz portuguesa, que trouxe a riqueza europeia, e a vertente africana. Quem vier ao Brasil, vai surpreender-se com um país que possui uma civilização nova, única e diversa.